

Uma tradução do projeto [Traduções Abolicionistas](#)

Texto original:

SAMUELS, L.; STEIN, D. (eds.). Perspectives on Critical Resistance. In: CRITICAL RESISTANCE. Abolition Now!: Ten Years of Strategy and Struggle Against the Prison Industrial Complex. Oakland: AK Press, 2008.

Tradução autorizada por Critical Resistance.

Traduzido por Amós Caldeira.

Data de publicação: 06 jan. 2022.

Perspectivas sobre a *Critical Resistance*

Editado por Liz Samuels e David Stein

Refletindo sobre os 10 anos de estratégia e luta para eliminar o complexo industrial-prisional que tem sido a história da *Critical Resistance*, nós conversamos com pessoas que estavam envolvidas em diferentes fases do desenvolvimento organizacional da organização. Pedimos para elas dizerem o que pensavam sobre o passado, presente e futuro da *Critical Resistance*. O que se segue são excertos dessas conversas.

Como você se envolveu com a CR?

ANDREA SMITH: Eu estava no comitê que organizou a primeira conferência da *Critical Resistance* em Berkeley.

NANCY STOLLER: Eu fui convidada para integrar o primeiro comitê de planejamento cerca de um ano antes da primeira

conferência da *Critical Resistance* em Berkeley. Eu entrei para o comitê e fiz vários trabalhos antes e durante a conferência. Depois da conferência, fui parte do coletivo que publicou a edição especial da revista *Social Justice*. [Vol. 27, n. 3 (Outono de 2000), “*Critical Resistance to the Prison-Industrial Complex?*”].

JULIA SUDBURY: Eu me envolvi com o comitê de planejamento para a primeira conferência da *Critical Resistance* em 1998. Naquela época, eu não sabia da existência de um movimento antiprisional nos Estados Unidos e estava no país apenas há um ano. Eu aprendi sobre as histórias de luta aqui, bem como sobre as condições contemporâneas de encarceramento e a ascensão do complexo industrial-prisional, através de conversas com ativistas durante a conferência, e também em sessões de estratégia e no processo de planejamento.

TERRY KUPERS: Eu era membra do comitê de organização para a primeira conferência da *Critical Resistance* em Berkeley. Foi empolgante ver tantas pessoas comprometidas, essa gente linda se reunindo, descobrir que não estamos sozinhas em nosso trabalho e em nossa visão, e nos unir para mover a luta adiante.

KAMARI CLARKE: Entre 1997 e 1998, eu estava envolvida com o componente cultural [da conferência de 1998]... Acabei por me envolver nessa função – pensar sobre expressões culturais de liberdade – como formas de pensar sobre questões de justiça e para imaginar um mundo diferente... [a *Critical Resistance*] tentava entender como o complexo industrial-prisional se desenvolvia, como as coisas mudaram com o tempo e como aqueles do lado de dentro e de fora poderiam engajar em diferentes formas de expressão que são relevantes para a sobrevivência.

Perspectivas sobre a *Critical Resistance*

KIM DIEHL: Sinto-me um pouco como uma veterana e eu não posso dizer isso para outras organizações. Estive envolvida com a *Critical Resistance* desde antes de sua presença no Sul, e a organização realmente mudou a paisagem da política sulista. [Estou] feliz que isso aconteceu porque a *Critical Resistance* trouxe o complexo industrial-prisional e a política sulista para a dianteira do nosso movimento social de formas que talvez outros não tenham. As pessoas realmente são muito mais capazes de conectar a escravidão com as prisões, ou as prisões com a escravidão, e que o Sul construiu várias prisões nos últimos 20-30 anos. Então, eu penso que a história da *Critical Resistance* para mim como uma sulista é realmente grande.

TAMIKA MIDDLETON: Eu cheguei à *Critical Resistance* durante o trabalho de organização para a seção Sul. Eu nunca havia feito qualquer trabalho de organização antes disso. Realmente foi um curso intensivo sobre trabalho de organização, complexo industrial-prisional, e até mesmo sobre Nova Orleans e o Sul, apesar de eu ser uma sulista e estar Nova Orleans já há alguns anos. O trabalho era entusiasmante. Senti-me tão empoderada! Esse trabalho me deu um novo senso de mim mesma, e uma nova visão sobre o mundo em que vivia. Eu posso dizer com toda honestidade que me tornar parte da *Critical Resistance* mudou meu mundo por completo.

ALEXIS PAULINE GUMBS: Meu primeiro projeto com a *Critical Resistance* foi o planejamento da seção Leste em 2000-2001. Eu não estava envolvida de forma contínua. Então, de certa forma, fazer parte do comitê do programa da CR10 é a minha primeira experiência de organização realmente contínua com a *Critical Resistance*.

DYLAN RODRIGUEZ: Meu trabalho com a *Critical Resistance* tem sido o trabalho político mais humilde, prosaico e transformativo que eu já participei. Eu era uma pequena parte do processo de 18 meses de conceber e organizar a primeira conferência e reunião de estratégia

em Berkeley em setembro de 1998. ... O primeiro encontro da *Critical Resistance* foi apenas uma pequena indicação do estava por vir. A ambição inicial era atrair 400 pessoas para uma conferência e sessão de construção de movimento que pressionaria – ou, realmente, explodiria – as estruturas liberais e voltadas a prestação de serviços pelas quais as organizações e indivíduos tentavam essencialmente administrar, sobreviver e negociar com o complexo industrial-prisional. O eventual comparecimento de mais de 3 mil pessoas na primeira conferência e reunião de estratégia da *Critical Resistance* excedeu massivamente nossas maiores expectativas e esperanças e, penso eu, não foi nenhum acidente já que o tom e o teor de tantas pessoas naquele evento de 1998 indicou que estávamos vivendo um momento de emergência histórica que requeria novas linguagens, novos conhecimentos, novas práticas políticas.

ARI WOHLFEILER: A primeira vez que ouvi algo sobre a *Critical Resistance* foi por ativistas do campus (estudantes e funcionários) na UC Berkeley em 1999 que estavam envolvidos no *third world Liberation Front* – *twLF* [Frente de Libertação do terceiro mundo] reunindo esforços para salvar o departamento de estudos étnicos de um desfinanciamento quase total e para construir um movimento por justiça racial no campus na era pós-Prop 209 (que encerrou as políticas de ações afirmativas do estado da Califórnia). Naquele ponto, e penso que isso demonstra o crescimento incrível da organização desde a conferência de 1998, eu não me lembro de ser muito claro se a *Critical Resistance* era uma organização de aderentes ou voluntários, se ela continuaria a existir, se possuía campanhas ou algo assim. É que éramos muito menor do que somos hoje. Rose, nossa primeira colaboradora, provavelmente trabalhava apenas meio período na época, a seção Leste ainda não tinha nascido, e ainda não tínhamos descoberto formalmente qual tipo de organização queríamos ser.

O que você gostaria que as pessoas soubessem sobre a história da Critical Resistance e seu papel nos movimentos sociais? E sobre o seu futuro após a CR10?

ROSE BRAZ: A *Critical Resistance* desempenhou um papel-chave no revigoramento do que era um movimento bastante dormente sobre questões prisionais. Além do mais, a organização moveu o debate e a discussão de um foco muito grande na reforma para um que incluísse a abolição tanto como uma estratégia quanto um objetivo final.

Em 1998, embora houvesse muitas pessoas e organizações trabalhando nas questões das condições de confinamento, a pena de morte etc., e particularmente utilizando ações judiciais e estratégias de pesquisa para enfrentar o que seria popularizado como complexo industrial-prisional, movimentos de base que desafiassem o complexo industrial-prisional estavam em baixa na sequência da repressão do movimento na década de 1970 e 1980. A *Critical Resistance* desempenhou um papel-chave na construção do movimento de base que existe hoje ao promover a ideia de que um movimento de base é um pré-requisito necessário para mudança, e então reunir as pessoas através das nossas conferências, campanhas, e projetos rumo ao objetivo de ajudar a construir esse movimento.

A *Critical Resistance* também desempenhou um papel-chave na alteração do debate. Hoje, a abolição está em pauta, um objetivo que não estava de fato na agenda em 1998. Um pré-requisito para buscar qualquer mudança social é a sua identificação. Em outras palavras, mesmo que o objetivo que buscamos esteja muito longe, se não o identificarmos e lutar por ele hoje, ele nunca se concretizará.

TAMIKA MIDDLETON: A *Critical Resistance* Sul foi uma grande vitória. A maioria dos ativistas do Sul que eu conheço e com quem trabalhei dirão o mesmo. A criação da seção Sul foi um enorme avanço no trabalho de organização contra o complexo industrial-

prisional no Sul. Penso que a construção e reposicionamento do movimento que ocorreu no Sul foi essencial para o trabalho, especialmente porque a geografia do Sul pode tornar o trabalho muito isolado.

KAMARI CLARKE: *A Critical Resistance* levou-me a pensar sobre essas concepções prosaicas e cotidianas de justiça, das próprias prisões, como se elas fizessem o que a cultura popular pensa que elas fazem, como se seu propósito fosse corrigir e ajudar as pessoas. Levou-me no meu próprio trabalho e ensino a fazer os estudantes pensarem mais criticamente sobre essas ficções em suas vidas e as suas implicações, bem como as formas que somos coniventes na reprodução dessa ficção.

KAI LUMUMBA BARROW: É importante para nós comunicar ao pessoal que nós não temos respostas; nós somos como todo mundo, tentando descobrir como mudar o mundo. Temos análises, mas não respostas. Achamos que nossa análise é sólida; possui raízes históricas e é relevante para a direção em que o mundo está se movendo e no ponto em que se encontra em termos de necessidade de reprimir e controlar pessoas. É importante notar que nós somos corajosos e frequentemente quando organizações são corajosas, há certa expectativa de que a organização ou as pessoas nela nos guiarão rumo a liberdade.

Além disso, nós somos engraçados e criativos e estamos tentando viver a abolição e isso é desafiador, e isso significa enfrentar e questionar e resistir o quanto for possível a todas formas com que machucamos uns aos outros e as formas com que somos machucados e as formas que nos machucamos.

Esse é um momento realmente importante para sentarmos à mesa e revisitar alguns pressupostos que mantemos por tanto tempo – e dadas as condições e as mudanças que estão ocorrendo no mundo, é

Perspectivas sobre a *Critical Resistance*

o tempo de aproveitar essa oportunidade. Gostaria muito de ver isso acontecer na CR10.

ARI WOHLFEILER: Uma coisa que é muito importante sobre a *Critical Resistance* é que nós temos existido de formas muito diferentes e temos tentado diversas estratégias em nossa curta vida. A *Critical Resistance* não é uma organização que despense horas e horas tentando aperfeiçoar à exaustão cada coisa que fazemos, ou que aposta tudo em uma campanha ou projeto, direcionando grande parte de nossos recursos coletivos. Como resultado disso, temos tentado muitas coisas diferentes em muitos locais diferentes com muitas pessoas diferentes. Nós erramos e aprendemos duras lições e lidamos com dores e perdas graves pelo caminho, e isso nos beneficia a todos no final. Mas a amplitude do nosso trabalho demonstra realmente o quão duro temos trabalhado para enfrentar o complexo industrial-prisional em cada ponto: trabalho contra a expansão, grupos de leitura, assistência jurídica, festas, programas de rádio, vigilância das ações policiais, lobby, educação política, publicações, arrecadação de fundos comunitários, projetos de saúde e cuidado corporal, escrita de cartas com os presos, habitação e trabalho de organização sobre justiça ambiental.

BO BROWN: Eu gostaria de ver mais consciência da rua chegando ao problema; Eu sei que temos que fazer todas essas coisas [objetivos legislativos] e eu sei que é muito mais fácil fazer essa parada legislativa, e você recebe muito reconhecimento, mas chega um ponto em que eu penso que não é realmente sobre isso. Você tem que fazer os dois. Eu acho que você pode se perder nisso e você pode ficar parado e se considerar uma boa pessoa e nunca sujar suas mãos de um jeito humano. E eu acho que isso não é saudável... eu acho que temos que trabalhar mais com ex-presos em nossos pequenos escritórios e em nossos pequenos grupos o máximo que pudermos. Gostaria que desenvolvêssemos algum tipo de grupo de apoio para familiares de

presos que funcionasse de verdade. Temos que descobrir como apoiar os presos quando estão retornando para casa. Precisamos entender o choque pós-traumático cotidianamente.

ANDREA SMITH: Muitos dos modelos de justiça “restaurativa” utilizados como uma alternativa às prisões não funcionam quando se trata de violência de gênero, e frequentemente eu não vejo abolicionistas prisionais levando a sério as preocupações sobre segurança para sobreviventes de violência doméstica e sexual. Portanto, penso que é importante para os abolicionistas prisionais pensar a abolição prisional como um projeto positivo em vez de negativo. Isto é, não é sobre simplesmente derrubar os muros das prisões, mas é sobre construir formações alternativas que realmente protejam as pessoas da violência gerada pelo regime de criminalização.

KAI LUMUMBA BARROW: Eu gostaria de nos ver como não mais necessários. Eu amaria ver-nos mais firmes, não apenas em relação ao trabalho de organização comunitário, mas de ver mais pessoas que são diretamente impactadas pelo complexo industrial-prisional mais ativas no trabalho de organização em torno dessa questão. Eu quero nos ver mais ativos uns com os outros nas áreas em que somos desafiados, tanto pessoalmente quanto politicamente. Eu quero nos ver capazes de ter uma luta e diálogo honestos, mesmo que tenhamos medo de machucar o sentimento uns dos outros, ou de ser excluído... Tudo o que eu quero ver para a *Critical Resistance*, eu também quero ver para nossa comunidade, e eu não penso apenas geograficamente. Portanto, eu quero nos ver capazes de nos unir e lutar juntos; eu quero nos ver cada vez mais responsáveis uns com os outros e definir o que essa responsabilidade significa, estabelecer para nós um conjunto de orientações e princípios que possamos todos concordar e mudar na medida em que lutamos.

Perspectivas sobre a *Critical Resistance*

ALEXIS PAULINE GUMBS: Eu acho que a *Critical Resistance* está à altura desse desafio, mas eu anseio detalhes mais específicos sobre como a abolição se reflete na vida cotidiana das pessoas. Eu estou realmente animado para ouvir mais sobre experiências comunitárias... formas com que as pessoas estão substituindo e superando as culturas da punição continuamente.

NANCY STOLLER: Penso que os abolicionistas estadunidenses deviam estudar mais como as pessoas em outros países estão reduzindo suas prisões e populações prisionais. Devíamos divulgar suas estratégias, explicar como o medo do outro é reduzido em outros países, e trabalhar mais a luta contra o racismo como parte do trabalho abolicionista.

TAMIKA MIDDLETON: Eu gostaria muito de ver mais trabalho cultural na *Critical Resistance*. Penso que jovens e minorias étnico-raciais fora do mundo progressista compreendem o complexo industrial-prisional de um modo muito real. Como seria falar sobre abolição para um jovem negro de 16 anos que conhece tudo sobre rap e hip-hop? Como alcançamos os artistas que rimam sobre as dificuldades do sistema, mas sem fazer uma conexão política?

VANESSA HUANG: Meus colegas e camaradas em diversos movimentos por justiça social compartilham a visão e a prática de desenvolver a responsabilização como um ponto basilar para nossas vidas e trabalho político, remunerado e não remunerado. Penso que isso diz muito sobre como nós priorizamos a necessidade de se abordar e, por fim, acabar com os danos que enfrentamos.

RACHEL HERZING: Fizemos um trabalho de fazer com que pessoas que possuíam um entendimento restrito sobre encarceramento, mesmo entre abolicionistas, pensassem de verdade sobre as forças mais amplas que atuam de modo a tornar possível o

encarceramento de pessoas. Tem sido muito importante para nós articular isso e ter isso sempre na ponta da língua, porque isso mantém o quadro como um todo em foco. É um desafio gigantesco para nós administrar isso organizacionalmente, e enfrentamos dificuldades para manter tudo no lugar, porque essa questão é tão gigantesca e em constante mutação e interconectada e complicada. Ao mesmo tempo, isso nos ajuda a fazer a abolição mais real ao mostrar as conexões entre todos esses sistemas, práticas e ideias, porque as pessoas sempre podem encontrar um ponto de entrada.

Eu quero ver o movimento crescer. Eu não aposto que a *Critical Resistance* venha a se tornar grande ou poderosa. Temos um perfil discreto. Eu aposto em mais pessoas abertas à abolição, bem como aposto que nossos aliados serão capazes de trabalhar conosco para objetivos abolicionistas.

TERRY KUPERS: As ações judiciais são importantes, claro, mas não são suficientes para fazer uma mudança real. É necessário que exista um grande chamado público por justiça real, e isso requer educar e organizar as pessoas. Obviamente, é aqui que a *Critical Resistance* desempenha um papel crucial. Além disso, o medo do crime em comunidades de baixa renda é real. Precisamos abordar esse medo de forma sensível para trazer mais pessoas para o movimento por justiça transformativa. A *Critical Resistance* está na linha de frente daqueles que decodificam essa troca de liberdade por um senso ilusório de “segurança”, por exemplo, o *Patriot Act*¹ e a prisão temporária. Centro de detenção para imigrantes são das mais abusivas instalações correcionais no país. A luta por justiça transformativa envolve todas as instituições do governo e da sociedade civil, e eu quero ver a *Critical*

¹ O *Patriot Act* foi um conjunto de leis antiterroristas aprovadas na sequência do atentado às Torres Gêmeas no período do primeiro governo de George W. Bush. O conjunto de leis expandia enormemente os poderes das forças de segurança estadunidenses para o combate ao crime e ao “terrorismo”, violando de forma clara uma série de liberdades civis e constitucionais.

Perspectivas sobre a *Critical Resistance*

Resistance dando continuidade e expandindo suas conexões com outros na luta mais ampla.

ROSE BRAZ: Um grande obstáculo para o trabalho de organização abolicionista é a crença equivocada de que se você é um abolicionista, você não se importa com as condições no interior. Na verdade, isso é um grande equívoco. A verdade é que, como uma abolicionista, eu acho que a melhor maneira de melhorar as condições para as pessoas no interior é tirá-las de lá.

Eu tenho visto o trabalho da *Critical Resistance* tornar-se mais coordenado, mais sofisticado em lançar mão de múltiplas estratégias e mais desafiador na medida em que o sistema tem respondido e se adaptado a alguns de nossos sucessos. Recentemente, temos visto nossa denúncia das condições no interior deturpadas pelo Estado para justificar a expansão do sistema, particularmente mediante o que por vezes é chamado de “prisões de luxo”.

O que é novo e mais traiçoeiro sobre essa expansão é que ela não foi fundamentada na retórica “*tough on crime*” [“dureza no combate ao crime”] que os políticos geralmente utilizavam para justificar a expansão. Em vez disso, em resposta ao crescente sentimento público antiprisão, esses planos têm sido fundamentados na retórica da “reforma prisional” e, com relação às pessoas nas prisões para mulheres, “responsividade de gênero”.

VANESSA HUANG: Somos agora parte de conversas e movimentos emergentes e simultâneos que estão construindo e desenvolvendo sobre o quem, que, por quê, como e onde nós conversamos e nos organizamos sobre gênero, para começar a integrar autodeterminação de gênero, e abordagens e práticas pela liberdade de gênero, com abordagens existentes que enfrentam a supremacia branca e o capitalismo e o patriarcado como fundamentais para o complexo industrial-prisional. Muitas de nós têm se inspirado profundamente das lições tiradas da nossa experiência de organização para fundar a

Transforming Justice [Transformando a Justiça], uma coalizão nacional que apoia o trabalho de organização local para acabar com a criminalização e encarceramento de comunidades trans e gênero não-conformista.

JULIA SUDBURY: Eu gostaria de ver cada vez mais entre nós o desenvolvimento de um entendimento profundo da necessidade da cura como prática abolicionista. Muitas de nós chegam para esse trabalho com nossas próprias feridas, sejam traumas de infância, racismo, homofobia ou violência policial e prisões. De fato, muitas de nós busca energia e inspiração nessas feridas e na raiva que elas criam. Mas nós também somos sugadas por esses traumas. Ou negligenciamos nossos corpos e espíritos da mesma forma que talvez fomos negligenciadas no passado. O resultado é que nosso movimento pode ser bastante “cerebral” – conversas, planejamento, reflexão, escrita – e não voltado para o corpo e as emoções. Esse trabalho não precisa ser individualista ou separado do trabalho de organização do movimento; nós podemos incluir isso em todos os nossos espaços e fazer disso uma atividade coletiva. Mas um movimento contra um fenômeno violento e violador como o complexo industrial-prisional não pode esperar ter êxito se não abordarmos diretamente e curar os efeitos dessa violência.

DYLAN RODRIGUEZ: É uma honra e uma obrigação tremenda continuar o trabalho não terminado dos melhores de nossos precursores abolicionistas – aqueles que não queriam apenas a abolição da escravidão supremacista branca e da violência antinegra normalizada, mas que também reconheceram que a grande promessa do abolicionismo era uma transformação profunda de uma civilização cuja santidade da sociedade civil branca era definida pela sua capacidade de definir “comunidade” e “segurança” através da eficiência de sua habilidade para executar genocídios raciais. O atual trabalho cotidiano da *Critical Resistance* e a abolição têm que prosseguir com o reconhecimento orgânico de suas raízes históricas nas lutas de libertação contra a escravidão, colonização e conquista – e, portanto,

Perspectivas sobre a *Critical Resistance*

lutar para desenvolver constantemente formas de movimento radical eficazes, criativas e politicamente informadoras contra o Estado genocida supremacista branco e a sociedade a ele vinculado.

SHANA AGID: Penso que ocorreu uma grande mudança, cuja fundação inicial foi criada pela conferência de 1998 da *Critical Resistance*, que surgiu diretamente do trabalho de base e da luta para descobrir como trabalhar e se relacionar com outros grupos que estavam no caminho contrário da missão da *Critical Resistance* – para não apoiar nenhum trabalho que estendia a vida ou escopo do complexo industrial-prisional. Essa linguagem foi, como era de se esperar, um risco, porque isso pode ser qualquer tipo de reforma. De algumas formas, isso era ainda mais verdade dez anos atrás.

Outra grande mudança em nosso pensamento foi que as alternativas que nos orientavam diziam respeito tanto sobre a prevenção quanto o tratamento do dano e das condições que tornam as pessoas tão vulneráveis ao sistema. Eu realmente consigo ver esses tipos de reuniões propostas para a CR10. Temos pelo menos cinco ou seis propostas que lidam com essa ideia de forma inovadora, atual, comunitária e realista para a CR10 – tanto os esforços por vir e as visões para aprender mais. Estou bastante animado por isso.

KIM DIEHL: Eu também acho que com grupos evangélicos nós temos mais trabalho para fazer, porque muitos grupos evangélicos se beneficiam das prisões e eu gostaria de ver essa mudança nos próximos dez anos. Eu realmente gostaria de ver essa mudança nos próximos dez anos – ter um trabalho mais radical, porque foi isso que mexeu com a escravidão: quando as igrejas começaram a se posicionar contra. E, no momento, as igrejas amam visitar as prisões: todas as religiões, exceto o judaísmo. Eu realmente não ouço muito de rabis visitando as prisões.

A *Critical Resistance* precisa deixar claro que as prioridades do nosso governo são basicamente aumentar a “segurança” e não necessariamente a qualidade de vida das pessoas.

BO BROWN: Eu gostaria que as pessoas soubessem que a CR10 pôde ocorrer depois de dez anos. E esperamos ser capazes de receber 3.500 pessoas aqui novamente – e mais ex-presos. E eu acho que se você está em um movimento pela abolição prisional, se você está fazendo o trabalho corretamente, você tem que interseccionar com outros movimentos sociais – nós não podemos ter uma perspectiva limitada.

Como o trabalho da Critical Resistance se cruza com outras estratégias de organização e movimentos que você integra?

KAI LUMUMBA BARROW: A grande parte do meu trabalho de organização tem sido especificamente em torno dos presos políticos, por isso a conexão óbvia que existe é enfrentar o complexo industrial-prisional como um espaço para reprimir a dissidência. Eu também fiz muito trabalho sobre violência policial ao longo dos anos, e ver a *Critical Resistance* como um espaço de enfrentamento à própria noção de policiamento, não apenas em torno da violência – violência policial – mas sobre o que fornece a esse corpo de pessoas uma autoridade para controlar e militarizar comunidades. E a terceira área, com relação ao trabalho de organização, é sobre violência – violência sexual. Especificamente, eu realizei trabalhos sobre violência contra mulheres, e isso incluiu trabalhar em torno de sistemas como o sistema de saúde, sistemas como o de liberdade reprodutiva, bem como questões relacionadas a violência interpessoal. Como nós podemos enfrentar as formas com que machucamos uns aos outros e as formas como o Estado nos lesa? Como artista visual, eu tento focar em representações, ideias e comentários que focam em libertar a imaginação sobre resistência, que tenta nos encorajar a imaginar realidades diferentes.

Perspectivas sobre a *Critical Resistance*

Para mim, é o valor que isso tem para a *Critical Resistance* que é mais importante.

ANDREA SMITH: Eu trabalho com assuntos de violência sexual, onde é evidente que a abordagem preferida pelo movimento antiviolência mais popular não funciona. E, também, essa abordagem criminalizadora ofusca o papel do Estado na perpetração de violência de gênero. Ao mesmo tempo, nós temos que lidar com as preocupações práticas pela segurança das sobreviventes de violência doméstica e sexual. Assim, nós estamos trabalhando no desenvolvimento de estratégias de responsabilidade comunitária que não dependam do Estado, e também não dependam de uma noção romantizada de “comunidade”. Esse trabalho demonstra a importância de desenvolver estruturas alternativas de governança fora do sistema estado-nação, do qual o complexo industrial-prisional é simplesmente um braço. Isso se cruza com o trabalho nos movimentos pelos direitos indígenas, que possuem conceitos de nacionalidade indígena que não são baseados em formas de governança estado-nação que governam mediante violência, dominação e controle.

KIM DIEHL: Eu trabalho para um sindicato. Eu acabei de sair de uma reunião com trabalhadores no aeroporto Ft. Lauderdale, que trabalham na limpeza. Quase todos são haitianos. Os haitianos aqui em Miami são quase todos tratados de forma diferente quando chegam aqui. Por exemplo, os cubanos, quando chegam aqui, há uma política chamada “*wet-foot-dry-foot*” [pé molhado, pé seco] e eles podem se tornar residentes legais, mas com haitianos, eles são postos imediatamente em detenção, portanto há um grande problema aqui. Eu acabei de me sentar com um grupo de trabalhadores haitianos que enfrenta isso todos os dias. Há sempre o medo das batidas e isso se relaciona com o nosso trabalho de organização, porque muitas pessoas não têm apenas medo de perder seus trabalhos, mas têm medo de ver suas casas invadidas no meio da noite e ver detidos membros de suas famílias.

Eu também tenho sido funcionária e voluntária de um centro para juventude *queer* aqui. Muitos jovens vêm de famílias que são de primeira geração aqui, que são imigrantes, e majoritariamente de comunidades de classe trabalhadora de minorias étnico-raciais. Eles sempre chegam ao centro com histórias de como a polícia os hostilizam.

ALEXIS PAULINE GUMBS: A abolição fornece um desafio crucial à forma que eu trabalho para abordar e acabar com a violência de gênero contra minorias étnico-raciais de modo que realmente transforme nossas comunidades em vez de nos separar uns dos outros. A abolição fornece um imperativo para o trabalho anticapitalista e por justiça econômica que eu faço, porque revela os custos do capitalismo (uma desconexão profunda e mortal de nós mesmos e dos outros representada pelo complexo industrial-prisional e pelo estado de vigilância e policial). Eu sei que para termos segurança real precisamos de ter um acesso justo aos recursos que todos precisamos.

Ao centrar as necessidades e as vozes dos mais impactados, a *Critical Resistance* fornece um contexto e uma infraestrutura para os jovens que eu ensino (que são legalmente banidos da escola pública e majoritariamente em liberdade condicional) se tornarem ativistas e guerreiros pela sua própria liberdade, o que me dá esperança todos os dias.

O que a abolição do complexo industrial-prisional significa para você?

KIM DIEHL: É uma declaração corajosa. É uma tradição de afirmar o impossível, reunindo pessoas em torno de uma concepção de como o mundo poderia ser sem escravidão, sem um sistema econômico que parece totalmente imbatível – e permanentemente estático.

RACHEL HERZING: A abolição do complexo industrial-prisional é sonhar loucamente e tudo bem por isso. É genuinamente pedir o que queremos, em vez daquilo que achamos que podemos

Perspectivas sobre a *Critical Resistance*

conseguir. Por que eu não deveria querer ser completamente livre e ter meu povo comigo e sentir saudável e estável e capaz de me relacionar com as pessoas, capaz de responsabilizar as pessoas?

ROSE BRAZ: A abolição define o objetivo que buscamos e a forma como trabalhamos hoje. Abolição significa um mundo onde não utilizamos as prisões, o policiamento e o amplo sistema do complexo industrial-prisional como uma “resposta” para o que são problemas sociais, políticos e econômicos. A abolição não é apenas um objetivo final, mas uma estratégia hoje.

SHANA AGID: Abolição significa viabilizar e criar um tipo de segurança que poucas de nós provavelmente conheceu, através da autodeterminação e da capacidade para enfrentar dificuldades com os outros e conosco de forma segura. A abolição do complexo industrial-prisional é, penso eu, sobre a luta concreta contra o estado racial em um momento político definido por um corpo político supostamente “pós-racial”, em que a raça está teoricamente cada vez menos em evidência – e outros grupos de pessoas, como o movimento LGBT mais popular ou o movimento pelos direitos dos imigrantes, estão comprando a noção de que isso é um marco do progresso. Obviamente, raça não está desaparecendo nem um pouco, mas está se difundindo na ideia de crime e criminalidade, então as prisões e o complexo industrial-prisional funcionam como uma articulação do racismo que são, mais ou menos, tratados como inevitáveis ou compreensíveis. Lutar contra isso, penso eu, é tentar trabalhar pelas vidas vividas e as pessoas que as estão vivendo, e também para desfazer a ideia do “senso comum” de que o complexo industrial-prisional está certo em dizer quem tem que ir para onde e quem merece o que.

ALEXIS PAULINE GUMBS: Abolição significa liberdade agora e dia após dia. Significa responsabilidade e amor crescendo por todos os lados.